

**Desigualdade entre negros e
brancos se aprofunda
durante a pandemia**

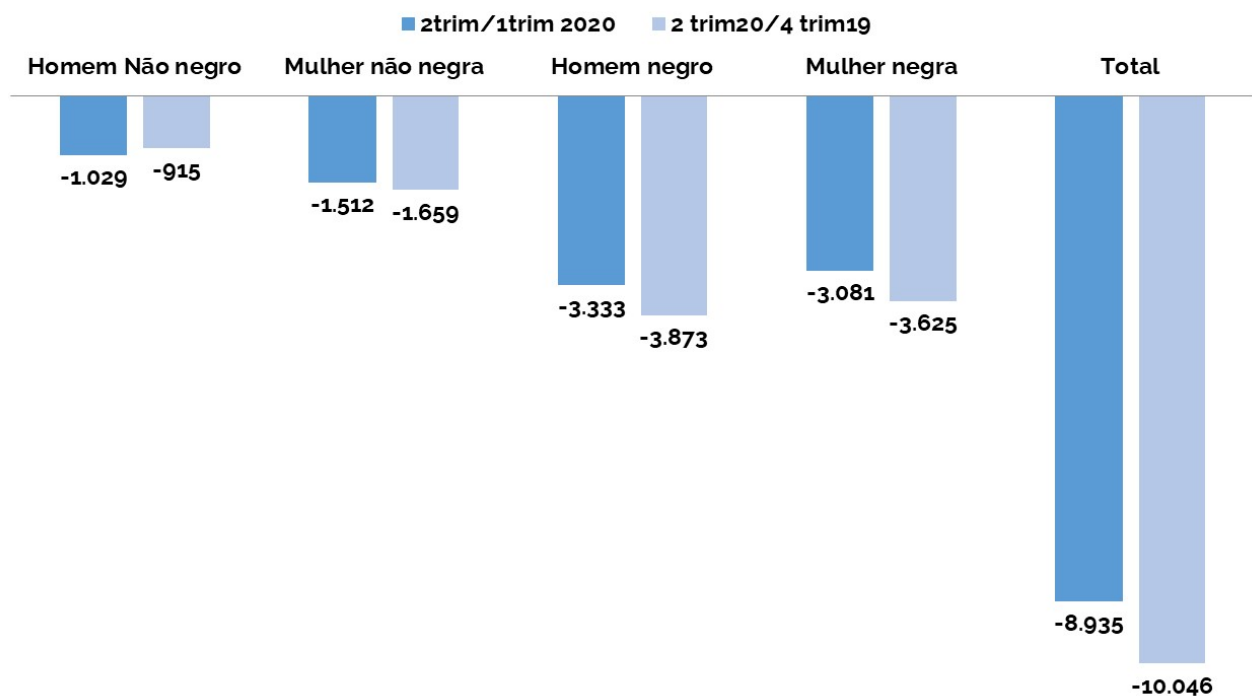
Desigualdade entre negros e brancos se aprofunda durante a pandemia

A persistente desigualdade entre negros e não negros no mercado de trabalho ficou ainda mais acentuada durante a pandemia. Homens e mulheres negros sentiram, com maior frequência, os danos do isolamento e da redução do nível de atividade econômica.

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostraram que mais de 6,4 milhões de homens e mulheres negros saíram da força de trabalho – como ocupados ou desempregados, entre o 1º e o 2º trimestre de 2020, isto é, perderam ou deixaram de procurar emprego por acreditar não ser possível conseguir nova colocação. Entre os brancos, o número de pessoas nessa mesma situação chegou a 2,4 milhões.

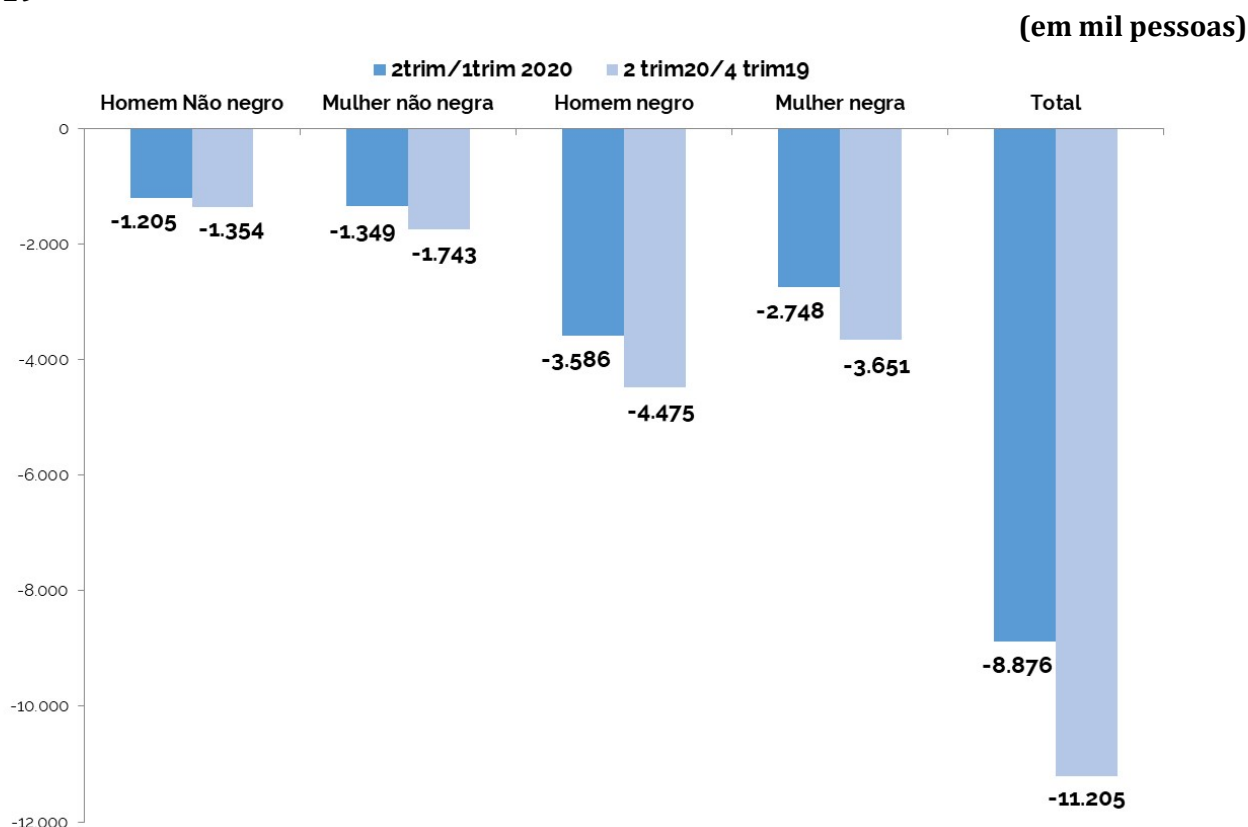
Na comparação entre o 4º trimestre de 2019 e o 2º trimestre de 2020, entre os negros, o número subiu para 7,4 milhões. Para os não negros e não negras, o total pouco se alterou, chegando a 2,7 milhões de pessoas.

Diferença entre a estimativa de pessoas presentes na força de trabalho por raça/cor e sexo Brasil - 2º trimestre de 2020/1º trimestre de 2020 e 2º trimestre de 2020/4º trimestre de 2019



Dos 8 milhões de pessoas que perderam o emprego entre o 1º e o 2º trimestre de 2020, 6,3 milhões eram negros e negras, o equivalente a 71% do total. Entre o 4º trimestre de 2019 e o 2º de 2020, cerca de 72% ou 8,1 milhões de negros e negras estavam em situação vulnerável no país.

**Diferença entre a estimativa de pessoas ocupadas por raça/cor e sexo
Brasil – 2º trimestre de 2020/1º trimestre de 2020 e 2º trimestre de 2020/4º trimestre de 2019**



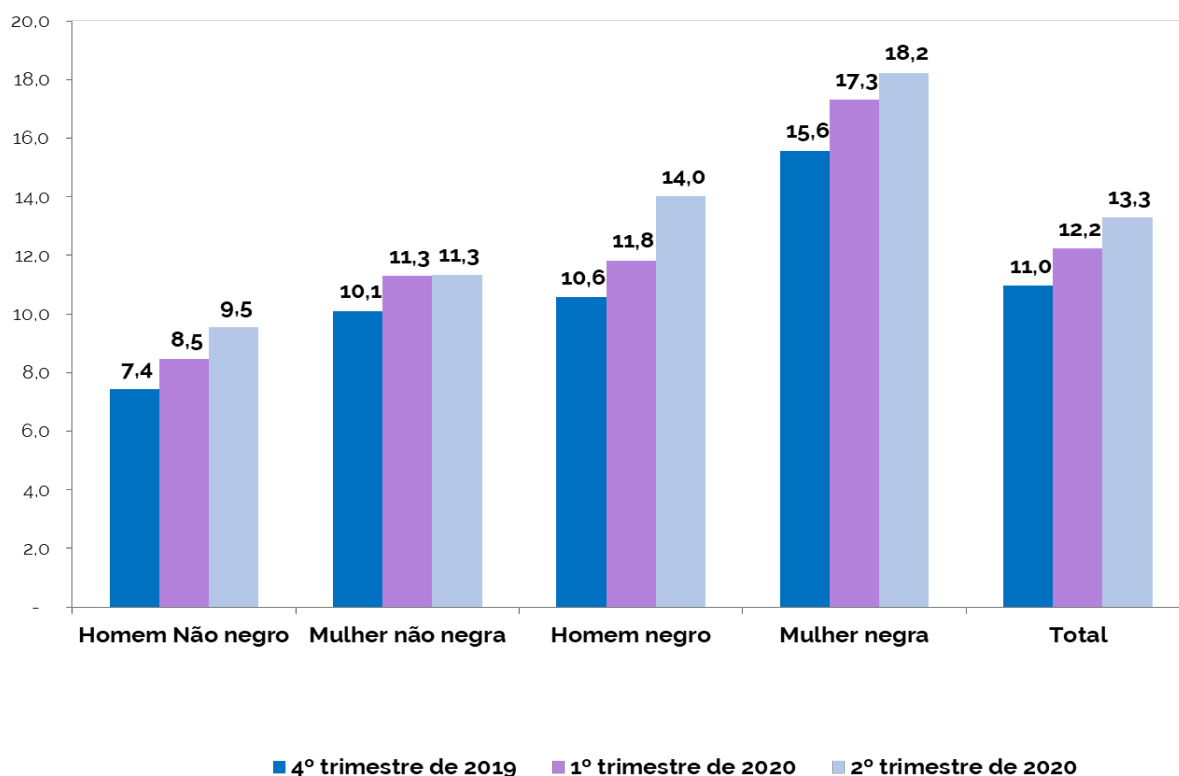
Fonte: IBGE, PnadC
Elaboração: DIEESE

A crença de que seria impossível conseguir uma colocação com a crise gerada pela pandemia e a preocupação com a possibilidade de contaminação com um vírus do qual pouco se sabe, e que tantas vidas tem levado, impactaram a busca por ocupação. Muitos não saíram para procurar emprego e, por isso, a taxa de desocupação não cresceu na mesma proporção dos postos de trabalhos fechados pela pandemia.

É possível perceber o aumento da taxa de desocupação entre o 4º trimestre de 2019 e o 1º trimestre de 2020, uma vez que as pessoas perderam os trabalhos temporários e começaram a buscar novas oportunidades. Para os homens negros, a taxa de desocupação passou de 11,8% para 14,0%, do primeiro para o segundo trimestre de 2020; para os não negros, de 8,5% para 9,5%; e para as mulheres negras, de 17,3% para 18,2%, no mesmo período.

É sabido que mulheres e homens negros enfrentam dificuldades maiores para conseguir uma colocação. A taxa de desocupação entre esses trabalhadores é sempre maior, mas a pandemia conseguiu criar ainda mais adversidades para essa população. Em situação vulnerável de renda, moradia, sem possibilidade de aderir ao isolamento, necessário para evitar a propagação do coronavírus, trabalhadores e trabalhadoras negras foram obrigados a continuar a busca por trabalho diante da necessidade de sobrevivência, em longos deslocamentos dentro de transportes públicos nas grandes cidades.

Taxa de desocupação por raça/cor e sexo (em %) Brasil - 4º trimestre de 2019, 1º e 2º trimestre de 2020



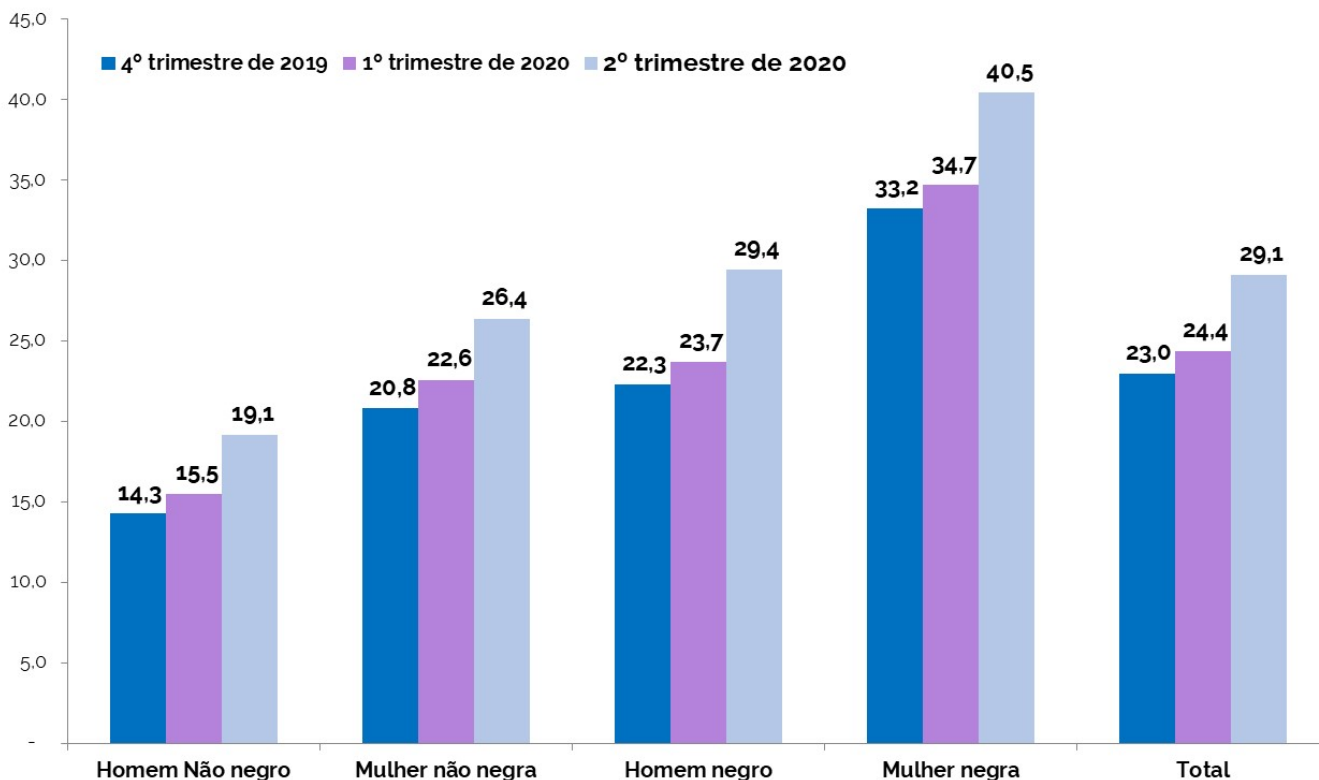
Fonte: IBGE, PnadC
Elaboração: DIEESE

Como consequência da saída de muitos trabalhadores da força de trabalho, a taxa de subutilização¹, que expressa a demanda potencial por trabalho, aumentou em 2020. Entre as negras, chegou a 18,2% no 2º trimestre deste ano, e entre os negros, a 14,0%. A taxa de

¹ A taxa de subutilização é composta pelos subocupados por insuficiência de horas trabalhadas, ou seja, pessoas que trabalhavam menos de 40 horas semanais e estavam disponíveis para trabalhar mais horas, se houvesse a possibilidade; pelos desocupados que buscavam trabalho e; pela força de trabalho potencial, da qual fazem parte aqueles que procuraram trabalho, mas não estavam disponíveis na semana que antecedeu a pesquisa; e pelos desalentados, pessoas que querem trabalhar, mas não procuraram trabalho.

subutilização da mulher não negra ficou estacionada em 11,3%, enquanto a de homens não negros foi de 9,5%.

Taxa de subutilização por raça/cor e sexo Brasil – 4º trimestre de 2019, 1º e 2º trimestre de 2020 - (em %)



Fonte: IBGE, PnadC
Elaboração: DIEESE

Dos 11 milhões de ocupados que perderam os postos de trabalho entre o 4º trimestre de 2019 e o 2º trimestre de 2020, 31,4% tinham carteira de trabalho assinada; 28,7% não possuíam carteira e eram assalariados; 25,8% trabalhavam por conta própria; e 11,4% eram trabalhadoras domésticas sem carteira.

A Medida Provisória 936 conseguiu garantir a manutenção de vínculos trabalhistas formais, mas, no caso dos homens negros, cerca de 1,4 milhão possuíam carteira no 4º trimestre de 2019 e, no 2º trimestre de 2020, no meio da pandemia, já não mais.

Foram os homens negros com carteira (1,4 milhão), sem carteira (1,4 milhão) e os que trabalhavam por conta própria (1,2 milhão) que perderam as ocupações na pandemia. Para as negras, os números não ficam atrás. Perderam os postos de trabalho 887 mil trabalhadoras com carteira; 620 mil sem carteira; 886 mil trabalhadoras domésticas; e 875 mil trabalhadoras por conta própria.

Importante lembrar que muitos consideraram as trabalhadoras domésticas como vetores de transmissão da covid-19, pelo fato de elas utilizarem transporte público. Um grande número de contratos de trabalho foi finalizado por esse motivo, deixando à míngua mulheres de baixa renda e escolaridade.

Diferença entre a estimativa de pessoas ocupadas por raça/cor e sexo segundo posição na ocupação - Brasil - 2º trimestre de 2020/4º trimestre de 2019

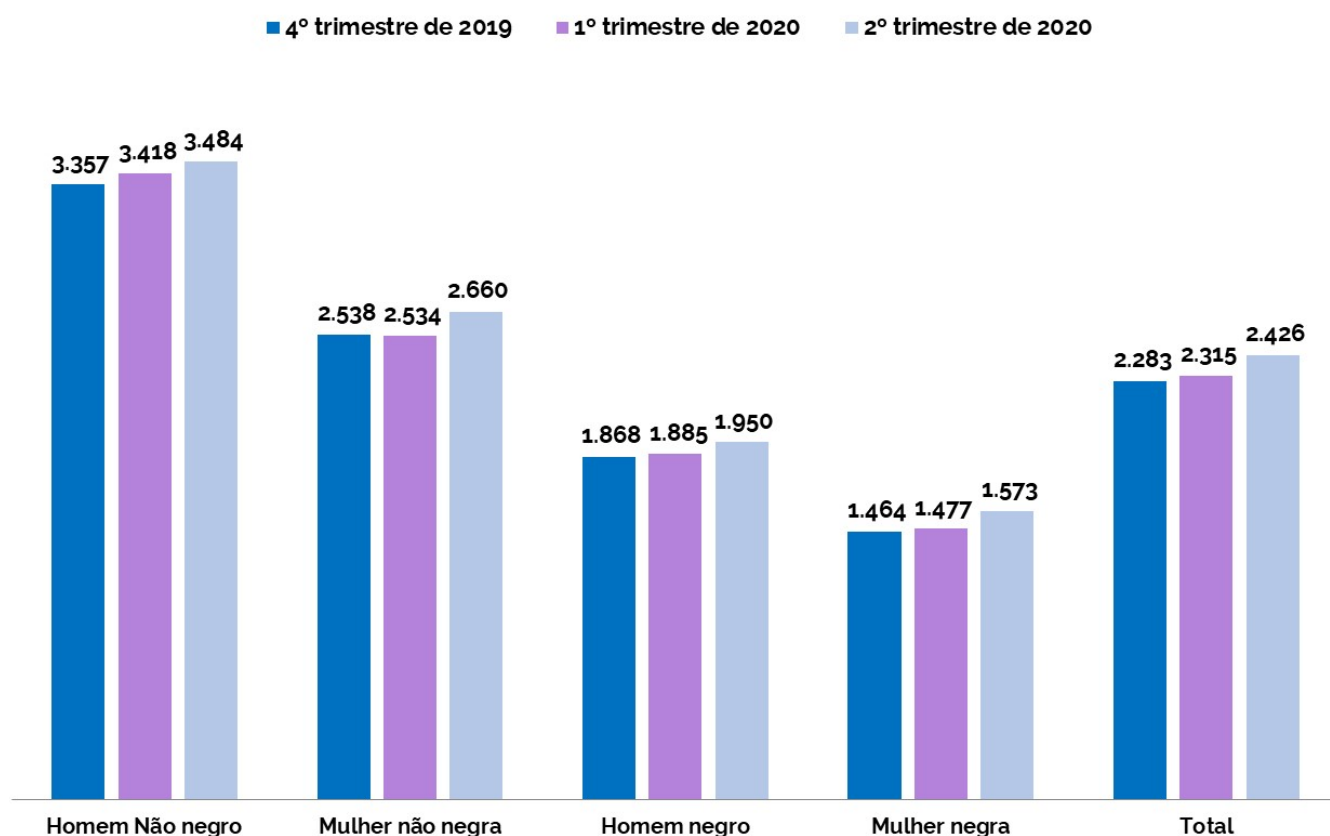
(em mil pessoas)

Posição na ocupação	Homem Não negro	Mulher não negra	Homem negro	Mulher negra	Total	Proporção do total
Empregado no setor privado com carteira de trabalho assinada	-562	-643	-1.436	-887	-3.514	31,4
Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada	-614	-486	-1.496	-620	-3.216	28,7
Trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada	-7	-84	-5	-263	-359	3,2
Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada	-22	-327	-47	-886	-1.282	11,4
Empregado no setor público com carteira de trabalho assinada	35	74	-21	-29	60	-0,5
Empregado no setor público sem carteira de trabalho assinada	-50	-7	3	19	-35	0,3
Militar e servidor estatutário	213	253	65	164	695	-6,2
Empregador	-75	-105	-201	-107	-487	4,3
Conta-própria	-298	-445	-1.279	-875	-2.893	25,8
Trabalhador familiar auxiliar	26	26	-57	-166	-172	1,5
Total	-1.354	-1.743	-4.475	-3.651	-11.205	100,0

Fonte: IBGE, PnadC
Elaboração: DIEESE

Em média, todos os rendimentos de homens e mulheres, negros e não negros, aumentaram entre o 4º trimestre de 2019 e o 2º trimestre de 2020. Os resultados poderiam ser comemorados se a análise fosse feita apenas pelo enfoque dos rendimentos, mas, a partir dos dados anteriormente aqui apresentados, é possível perceber que houve perda de trabalho entre aqueles com inserções mais frágeis e informais. Ou seja, os que tinham menor rendimento perderam as ocupações, enquanto aqueles que ganhavam mais permaneceram ocupados e com salário.

Rendimento médio real dos ocupados no trabalho principal por raça/cor e sexo (em reais) Brasil - 4º trimestre de 2019, 1º e 2º trimestre de 2020



Fonte: IBGE, PnadC
Elaboração: DIEESE

Considerações finais

A desigualdade de inserção e de ocupação existe ainda, de forma acentuada, no mercado de trabalho brasileiro. Negros e negras enfrentam mais obstáculos para conseguir uma colocação, ganham menos e têm frequentemente inserção vulnerável e frágil.

A pandemia no Brasil explicitou e acentuou essa situação. Homens e mulheres negros, ocupados em situação de informalidade, no trabalho doméstico e sem vínculo legal, foram os que mais sofreram os efeitos da parada da economia brasileira por causa do coronavírus. A mobilização do movimento sindical conseguiu proteger parte significativa dos empregos dos assalariados com carteira, com a Medida Provisória 936, mesmo com a redução de salário, mas cerca de 8 milhões de pessoas, a maioria negra, ficaram sem trabalho e sem renda.

A importância do Auxílio Emergencial que, graças à intensa pressão do movimento sindical e social, foi definido inicialmente em R\$ 600,00, garantiu certa dignidade a muitos. Outros tantos não conseguiram receber a ajuda ou tiveram o pagamento liberado com bastante atraso. Para esses brasileiros, pobres, afastados dos direitos garantidos em lei pelo emprego

protegido, coube escolher entre a fome ou ir para rua buscar trabalho mesmo com a possibilidade de encontrar o vírus.

Escritório Nacional: Rua Aurora, 957 – 1º andar
CEP 05001-900 São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
E-mail: www.dieese.org.br

Presidente - Maria Aparecida Faria

Sindicato dos Trabalhadores Públicos da Saúde no Estado de São Paulo – SP

Vice-presidente - José Gonzaga da Cruz

Sindicato dos Comerciários de São Paulo – SP

Secretário Nacional - Paulo Roberto dos Santos Pissinini Junior

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

Diretor Executivo - Alex Sandro Ferreira da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

Diretor Executivo - Antônio Francisco da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

Diretor Executivo - Bernardino Jesus de Brito

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo – SP

Diretora Executiva - Elna Maria de Barros Melo

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE

Diretora Executiva - Mara Luzia Feltes

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS

Diretora Executiva - Maria Rosani Gregorutti Akiyama Hashizumi

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Diretor Executivo - Nelsi Rodrigues da Silva

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Diretor Executivo - Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricitários da Bahia - BA

Diretor Executivo - Sales José da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região - SP

Diretora Executiva - Zenaide Honório

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – SP

Direção Técnica

Fausto Augusto Júnior – Diretor Técnico

José Silvestre Prado de Oliveira – Diretor Adjunto

Patrícia Pelatieri – Diretora Adjunta

Equipe técnica

Patrícia Lino Costa

Gustavo Monteiro

Patrícia Pelatieri (revisão técnica)